

A quem interessa a morte do Feminismo?

Há alguns anos, os pós modernos decretaram, inútilmente, o fim da história, a morte do sujeito e, portanto, a morte de todos os movimentos sociais. Em vão. Embora fosse útil um mundo com hegemonia total do pensamento único - útil para a dominação de todas as espécies - veio o Fórum Social Mundial demonstrando que nem a história acabou, nem os sujeitos políticos morreram.

Vieram também os fundamentalismos de toda ordem, com crescente força política, e veio o império do livre comércio, o unilateralismo norte-americano, demonstrando que também os setores conservadores não estão mortos, nem seus movimentos retrógrados, nem suas práticas de dominação.

Em pleno V FSM, num debate realizado dia 30, sobre turismo sexual, aparece Frei Betto afirmando a morte do feminismo, que, segundo ele, "nasceu e morreu no século XX, sem resolver a mercantilização do corpo das mulheres".

O Vaticano sabe que o feminismo está vivo, e bem vivo. A tal ponto que o papa decidiu editar um Dicionário voltado ao combate das propostas feministas de libertação das mulheres. Quando pensam que estamos mortas... Olha nós aqui outra vez...

Por estas e outras, este número especial do Boletim da AMB quer dar visibilidade a uma pequena parte do que feministas fizeram no V FSM, para que não parem dúvidas sobre nossa existência política, ainda que alguns não queiram ver.

Leia mais na seção CONtextos.

Estratégias Feministas e anti-racistas para igualdade

A Articulação de Mulheres Negras Brasileiras, a AMB e Action Aid promoveram dia 27 de janeiro, no FSM 2005, o painel "Estratégias Feministas e anti-racistas contra políticas neoliberais, a produção da pobreza e das desigualdades". Como palestrantes estiveram ali Ochy Curiel, dominicana, ativista do movimento feminista anti-racista e lésbico-feminista; a haitiana Lise Marie de Jean, médica integrante da Organização Mulheres Haitianas em Solidariedade; Ruth Penafiel, equatoriana e indígena quéchua da Federação de Organizações Quéchuas e coordenadora política de Mulheres Antinsuymanta, além de Sílvia Camurça, atual secretária executiva da AMB.

O painel foi o terceiro evento de uma série de três seminários que trataram de problematizar a articulação de gênero e raça na análise das dinâmicas de exclusão e pobreza, no Brasil e no mundo.

Nilza Iraci, da Articulação de Mulheres Negras Brasileiras, destaca como um dos pontos positivos a presença de mulheres de fronteira, que vivem em situação de guerra, ao invés de especialistas: "é a voz das mulheres que estão no cotidiano, enfrentando a opressão". Nilza também enfatiza que este diálogo é importante para se pensar a globalização de outra maneira e avançar no "desvendar a questão racial para o movimento", atuando também de forma propositiva.

Para Sílvia Camurça, o seminário foi importante por reafirmar a questão de classe como uma dimensão importante na contextualização da pobreza e seus efeitos, ao contrário da perspectiva liberal de combate à pobreza. Ficou assinalado que "raça e gênero, embora cruciais, são categorias insuficientes para se entender a pobreza entre as mulheres".

Analba Brazão resalta como um dos desafios apontados pelo painel a construção da ação política feminista, anti-racista e em defesa da livre orientação sexual, para que estas questões se tornem parte da política feminista e não sejam consideradas *setores* do movimento.

As publicações dos seminários anteriores serão distribuídas pela AMB nos espaços dos seminários feministas regionais, previstos para este ano.

Direitos das Mulheres versus Livre Comércio - O sistema internacional de direitos humanos e a autonomia das mulheres estão em risco no contexto do livre comércio. Esta certeza mobilizou militantes da Rede Internacional Gênero e Comércio, do GT Gênero da Rebrip, da AMB e da Articulação Feminista Marcosur a realizarem o Seminário *OMC+10 versus Beijing+10*.

O debate sobre os impactos da liberalização do comércio sobre as mulheres aconteceu dia 29 à tarde, no Barco da Diversidade, um espaço feminista no V FSM. As reflexões e os diversos elementos apontados serão usados pela IGTN na produção de um documento, que será levado para a 49ª Sessão da Comissão da Condição Jurídica e Social da Mulher, da ONU (CSW, em inglês), que acontecerá entre 28 de fevereiro e 11 de março próximo, em Nova York. Na Sessão, serão avaliados os 10 anos de implementação da Plataforma de Beijing. Mais informações com Graciela Rodriguez (graciela@sere.org.br) e Rogéria Peixinho (AMB-RJ) no Instituto Equit/IGTN (rogeria@sere.org.br).

Encontros Feministas

Duas reuniões durante o V FSM colocaram no centro do debate o X Encontro Feminista Latino-americano e Caribenho. Ambas foram convocadas por integrantes da comissão organizadora do X EFLAC, com o objetivo de recolher subsídios à preparação e passar informações sobre o encontro, que será realizado de 8 a 11 de outubro, no estado de São Paulo, no município de Praia Grande, a 80 km da capital.

A escolha de um local barato e acessível, ao contrário da opção por hotéis, como tem ocorrido em muitos espaços de movimentos, foi um dos aspectos valorizados entre os encaminhamentos da Comissão. Esta opção democratiza o acesso, ao mesmo tempo em que não segrega as participantes por classe, mantendo o mesmo padrão de alojamento para todas, dentro de um princípio de horizontalidade importante e muito caro ao feminismo.

Inscrições - Cogita-se em avançar em formas solidárias de pagamento de inscrição, para facilitar e concretizar formas de transferência de renda entre quem está em condição financeira para pagamento e quem está com poucos ou sem recursos. A comissão também informou que está sendo analisada a proposta de pagamento mensal da inscrição, ou seja dividir a inscrição em parcelas mensais, pagas antes do encontro ser realizado.

Ainda em fevereiro a comissão organizadora deve fechar a proposta junto ao conselho consultivo do X EFLAC e divulgar amplamente no site www.10feminista.org.br.

Nas reuniões realizadas durante o FSM, a Comissão Organizadora esteve representada por Jacira Melo (Instituto Patrícia Galvão e Articulação de Mulheres de São Paulo); Simone Grilo (Coletivo Feminista Sexualidade e Saúde SP); Nilza Iraci (Geledés e Articulação de Mulheres Negras Brasileiras); Fernanda Grigolim (Jovens Feministas de São Paulo); Simone Silva, da UBM e Maria Lúcia Silva, do Psique Negritude

Barco da Diversidade contra os fundamentalismos

Durante o FSM 2005, em reunião realizada no Barco da Diversidade e convocada pela AMB, Rede Feminista de Saúde e Católica pelo Direito de Decidir, o secretário de Direitos Humanos da Associação Brasileira de Gays, Lésbicas e Transgêneros, Cláudio Nascimento, apoiou a luta feminista pelo aborto legal e seguro, no Brasil.

Na reunião, onde foram debatidas estratégias de combate aos fundamentalismos através de ações conjuntas do movimento de mulheres e do movimento GLBT, Cláudio informou que este apoio foi definido por unanimidade, durante o I Congresso da ABGLT (Curitiba, 18-24 Jan 2005), com a presença de 250 delegadas/os das 160 organizações filiadas, vindos de todos os estados do país.

Durante o Congresso, que marcou também os 10 anos da Associação, as/os ativistas debateram a legalização do aborto no eixo "Direitos Humanos e Estado laico", considerando que a interdição só joga na clandestinidade um problema de saúde pública, elevando a mortalidade das mulheres. "Este apoio é a única postura ética diante da situação de calamidade pública que é o aborto ilegal" e, conforme Cláudio, também se baseia na defesa do direito das mulheres, independente dos motivos para a interrupção de uma gravidez indesejada. "Para as/os delegadas/os do Congresso, isso não pode estar misturado a dogmas religiosos", frisou Nascimento.

A ABGLT pretende atuar com as organizações do movimento de mulheres em ações locais e nacionais em defesa do aborto legal e seguro.

Gênero, patriarcado e violência

Sob este eixo de debate, a Fundação Perseu Abramo colocou em perspectiva distintas análises de feministas brasileiras, tratando da presença da mulher nos espaços público e privado. Estiveram na mesa: Maria Betânia Ávila; Heleieth Safiotti e Celi Pinto, sob coordenação de Vera Soares.

Resulta do debate a ênfase na questão do poder como problema que desafia a luta feminista ontem e hoje.

Teologia e Feminismo

O FSM 2005 também foi espaço para discutir questões de gênero e teologia, um tema que vem se afirmando com radicalidade cada vez mais decisiva no âmbito da reflexão teológica. No momento atual, realiza-se toda uma discussão interna entre as teólogas envolvidas, verificando-se uma diversidade de teologias feministas.

O Fórum Mundial de Teologia e Libertação não só gerou debates, mas também protestos por parte de núcleos teológicos que resistem a este novo desafio. De acordo com artigo de Faustino Teixeira, divulgado em Carta Maior, a teologia feminista abriu caminhos para a emergência de uma nova sensibilidade teológica, sobretudo quanto a reflexões acerca das inúmeras formas de expressões da sexualidade.

Onde você guarda o seu racismo?

O Seminário de debate e articulação em torno da Campanha "Onde você guarda o seu racismo?", promovida pela iniciativa "Diálogos contra o racismo" foi muito bem sucedido no FSM.

Participaram cerca de 200 pessoas, de diversas organizações, que já tinham visto a mensagem veiculada pela televisão e trocaram idéias sobre como receberam a campanha e sobre as ações que já estão desenvolvendo ou que querem desenvolver neste sentido.

Os depoimentos sinceros, emocionados e engajados feitos pelas/os participantes nos deram a certeza de que estamos no caminho certo para desencadear uma grande mobilização social pela igualdade racial, salientou Guacira César de Oliveira (CFEMEA).

Contextos - Dois textos anexos trazem o debate feminista no IV Fórum Pan Amazônico (Manaus, 18-22 Jan). Um deles traz a conferência de Sílvia Camurça, que participou da mesa sobre "Construção da autonomia na perspectiva da soberania popular", refletindo entre outras coisas sobre desafios futuros, no contexto do próximo Fórum das Américas, na Venezuela.

O segundo texto traz uma síntese das principais oficinas realizadas pelo movimento de mulheres no IV Fórum Pan Amazônico, com informes de Nelita Frank (Núcleo de Mulheres de Roraima) e a contribuição da jornalista Ivania Vieira. O terceiro anexo contém a Carta Aberta da Secretária Executiva da AMB a Frei Betto, que se posicionou publicamente sobre o Feminismo no V FSM.

Outros informes da ação feminista no FSM na edição 108 do Articulando e no site da AMB www.articulacaodemulheres.org.br

Qual futuro para os fóruns sociais?

O conselho internacional do FSM, reunido às vésperas de sua quinta edição acordou que, em 2006, o processo será descentralizado, com fóruns sociais acontecendo em distintas regiões do globo, mantendo-se somente para 2007, na África, a sexta edição do Fórum Mundial.

Desdobramentos desta decisão já se anunciam: um Fórum Social Brasileiro, para este ano ou em 2006, e o II Fórum Social das Américas, previsto agora para 24 a 26 de janeiro de 2006, com caráter de I Fórum Social Mundial Descentralizado. A Venezuela, país escolhido para sediar a atividade, sem dúvida representa hoje um local emblemático na luta contra o imperialismo norte-americano, mas também é um espaço de risco para autonomia do FSM frente a governos de esquerda.

Por isso, este acordo coloca todas nós, feministas brasileiras, frente a muitos desafios. Avaliar o impacto da metodologia testada no V FSM e aprimorá-la, reconhecendo todo o seu potencial, e revendo eventuais equívocos, é a tarefa mais urgente.

Críticas - Falando em equívocos, pelo menos dois provocaram a crítica de vários movimentos sociais, neste FSM. Um deles, partiu de um grupo de 19 intelectuais (18 homens e uma mulher), que lançaram suas propostas com o nome de Manifesto de Porto Alegre, com a pretensão, segundo um de seus principais proponentes, Ignácio Ramonet, de sintetizar o consenso. O manifesto foi lançado em uma coletiva de imprensa, no Hotel San Rafael Plaza, portanto fora do Território Social Mundial (espaço onde o Fórum acontecia). O grupo convocou as/os mais de 150 mil participantes do FSM para assiná-lo, mas não obteve grandes resultados. Esta ação vai na contramão da proposta do Fórum, não pelo fato de intelectuais elaborarem propostas sem consulta às massas, como querem alguns. Para nós, todos, movimentos populares e sociais, intelectuais, pesquisadoras/es, todos e todas têm igual direito e possibilidade de propor estratégias. O problema é se tomar o consenso de alguns como o de todos, e colocar uns na condição de proponentes e outros na posição passiva de apenas aderir. É tudo o que se quis evitar nestas 5 edições do FSM.

Encerramento - O segundo equívoco, neste FSM, está relacionado com a saudação final do Comitê Organizador na cerimônia de encerramento. O texto preparado pela Comissão de Comunicação do FSM, embora questionado por feministas do COB, manteve-se inalterado, não retratando a persistência de conflitos e abusos contra a liberdade sexual das mulheres, notadamente (mas não exclusivamente) no acampamento da juventude. Recapitulando: na Índia, depois do IV FSM, o Conselho Internacional, por demanda das representantes de organizações/movimentos feministas que o integram, decidiu pela adoção de medidas específicas para prevenir a ocorrência de tais atos, bem como para apoiar as mulheres em suas denúncias, no caso de que, ainda assim persistisse este tipo de comportamento. O Comitê Organizador Indiano, naquela oportunidade, pronunciou-se publicamente condenando os abusos e afirmando que outro mundo é possível se os direitos das mulheres forem respeitados. Em Porto Alegre, entretanto, a decisão do Comitê Organizador Brasileiro foi de omitir-se. Posicionamento que levou o campo feminista - representado no COB pela AMB e pela MMM - a não participar da cerimônia de encerramento, cancelando a expressão de uma jovem feminista na leitura pública do texto do balanço. Ativistas de várias redes internacionais feministas também se mostraram inconformadas com a decisão do COB. Com certeza, temos de ter fôlego para continuar repetindo que "o silêncio é cúmplice da violência".